

PARFOR QUIMICA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM EM LIBRASOLIVEIRA, Fabio Caires¹ (UFMT)fabiocaires10@hotmail.comSILVA, Vera Lucia da² (UFMT)veralucia_biologa@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho buscou identificar e discutir alguns aspectos explorados nas aulas de Libras e suas implicações para o ensino e a aprendizagem de Química haja vista o material digital produzido por Benassi e Duarte (2016). Assim optou-se pela abordagem qualitativa, alinhada à técnica de Análise de Conteúdo, tendo como base os estudos de Silveira; Sousa (2010) e Santos (2015). Os resultados evidenciam que o ensino de Libras tem trazido novas reflexões para a formação do professor de Química, contudo evidencia-se a necessidade da construção de novos recursos didáticos que atendam ao ensino de Libras e as especificidades do ensino de Química.

PALAVRAS-CHAVES: Libras. Seminário Integrador. Ensino de Química.

1. INTRODUÇÃO

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR, criado em 2009 visa qualificar professores em nível de graduação por meio de uma segunda licenciatura, visto que muitos professores atuam em áreas diversas da formação inicial. Desse modo a Universidade do Estado de Mato Grosso (UFMT) passa a oferecer a partir de 2012 o curso de Licenciatura em Química via PARFOR. Nesse contexto se insere a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um dos componentes curriculares obrigatórios do curso de Química, algo recente aos cursos de licenciatura, todavia o reconhecimento de Libras enquanto língua se deu através da Lei nº 10.436/02. Já o Decreto 5.626/2005 regulamentou o ensino de Libras e estabeleceu alguns pontos importantes quanto à formação de professores e interpretes. Tais questões estimularam a discussão a respeito da inclusão e mudanças no que se refere à estruturação do currículo, práticas e projetos políticos pedagógicos de cada curso de licenciatura, assim como as especificidades das diferentes áreas.

Nesse cenário as experiências vivenciadas na disciplina de Libras são para a grande maioria dos docentes do Curso de Segunda Licenciatura em Química a primeira oportunidade de acesso à Língua Brasileira de Sinais.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Química - Universidade Federal de Mato Grosso. Professor da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso.

² Discente do Curso de Licenciatura em Química - Universidade Federal de Mato Grosso. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Santo Antônio do Leste - Mato Grosso.

Contudo, configura-se como uma oportunidade única de formação, a qual busca proporcionar aos docentes, acesso ao conhecimento de estruturas básicas que fundamentam essa língua, de modo que possam compreender melhor a complexidade da práxis educativa e assim construir estratégias de intervenção capaz subsidiar as demandas de atendimento e as especificidades do sujeito visual, entendimento esse defendido por Duarte (2015) em seus estudos sobre Libras e o Ensino de Ciências.

Nesse sentido destacamos o manual didático de Libras desenvolvido por Benassi e Duarte (2016) como uma alternativa para uma introdução ao ensino de Libras, todavia acreditamos que o ensino e aprendizagem de Libras nos cursos de licenciatura devem ir além das questões básicas e introduzir saberes que se associam as especificidades da área. Ainda que a carga horária seja reduzida, não há como negar a necessidade do docente conhecer e dominar alguns aspectos básicos de Libras enquanto requisito básico para atender o sujeito visual e propiciar o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Tais questões encontram respaldo nos estudos de Silveira e Sousa (2010), os quais apontam “a especificidade da linguagem e dos termos químicos – átomo, elétron, mol, íon, próton, dentre outros –, que não compõem o rol de terminologias dos dicionários de libras” (SILVEIRA e SOUSA, 2010, p.2). Tais questões são relevantes, pois podem dificultar a construção de conceitos científicos por parte dos discentes visuais. No entanto, sabemos que não há como discutir as especificidades do Ensino de Química com relação a Libras sem antes conhecer as questões básicas que envolvem e fundamentam essa língua. Sendo assim, o livro eletrônico “Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2” desenvolvido por Claudio Alves Benassi e Anderson Simão Duarte é um convite à aprendizagem de Libras e constitui-se como um dos objetos de análise.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A realização do presente trabalho busca trazer algumas reflexões a respeito das abordagens realizadas no ensino de Libras e suas possíveis implicações para a aprendizagem e o ensino de Química. Dessa forma, visando

atender aos objetivos propostos, optou-se pela orientação metodológica estudo de caso com a abordagem qualitativa, alinhada à técnica de Análise de Conteúdo descrita como “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2006, p. 38).

As abordagens realizadas na disciplina de Libras tiveram como plano de fundo, questões propostas pelo livro eletrônico intitulado “Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2”, o qual trouxe elementos teóricos que subsidiaram o desenvolvimento da aprendizagem de alguns tópicos estudados em Libras. Todavia, busca-se a partir da análise do mesmo discutir alguns elementos que podem favorecer a associação e o desenvolvimento de uma práxis pedagógica capaz de associar o ensino de libras à aprendizagem de elementos básicos explorados pela química.

Assim, ao longo desse trabalho pretende-se identificar e analisar alguns aspectos explorados nas aulas de Libras, tendo em vista o material digital produzido por Benasse e Duarte (2016) e suas possíveis implicações para o ensino e aprendizagem de química.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

As línguas de sinais não são universais, cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Porém ela ainda não faz parte do currículo da maioria das escolas. Essa temática é um tanto recente se considerarmos a questão histórica e as políticas públicas educacionais que abordam tal tema. Todavia “Usufruir da língua de sinais é um direito do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas” (SKLIAR, 2005, p. 27).

Não podemos negar que as políticas educacionais de inclusão favoreceram o reconhecimento de Libras e abriram possibilidades para o ensino dos alunos visuais. Contudo, a inclusão desta língua, enquanto componente curricular nos cursos de licenciatura, não garante capacitação adequada ao professor para o ensino bilíngue, um retrato desse aspecto é a ausência de objetivos e diretrizes nacionais que possam contribuir para seu ensino



(SANTOS, 2015).

Nesse cenário, cabe ao professor organizar os conteúdos e suas práticas pedagógicas, mobilizando os saberes que supõe necessários para o ensino do conteúdo que se propõe a explorar. Ao tratar dos saberes necessários à prática educativa, Pimenta (1999) destaca três tipos de saberes: a) do conhecimento, relacionado ao saber disciplinar e curricular construído pelas áreas do conhecimento; b) do pedagógico, relacionado aos saberes que sustentam a práxis pedagógica; c) da experiência, saber esse relacionado à integração dos conhecimentos mobilizados durante a formação e atuação docente.

Sobre este assunto Tardif (2012) traz contribuições ao apontar que os saberes docentes não provêm apenas da formação profissional, experiências (formação docente) ou mesmo de programas de ensino, mas sim de um conjunto desses processos que se complementam e constituem a base necessária de saberes que devem integrar a formação docente. Ainda assim recai sobre o ensino de Libras uma carga horária reduzida nos currículos, ementas genéricas que não atendem às especificidades das licenciaturas e a ausência de material didático capaz de auxiliar o ensino e a aprendizagem de Libras.

É nesse contexto que nos foi apresentado o material digital produzido por Benassi e Duarte (2016) intitulado “Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2”, o qual é totalmente gratuito, de fácil acesso e traz uma série de recursos visuais que complementa as questões teóricas abordadas sobre o ensino de Libras. Considerando a reduzida carga horária de 30h/a da disciplina de Libras, destacamos que o material contribuiu para que os docentes tivessem maior possibilidade de contato com a língua em diferentes contextos e tempos.

As experiências de ensino vivenciadas durante as aulas presenciais evidenciaram a ampliação da capacidade de comunicação e aprendizagem de questões básicas voltadas às Libras entre os docentes de Química. Tais aspectos foram observados no decorrer das abordagens realizadas ao longo da disciplina.

A utilização de sequências didáticas, aliadas ao uso de diferentes recursos e ao contato direto com discentes, alunos visuais, interpretes e docentes com ampla experiência no ensino de Libras possibilitou a construção de um novo olhar sobre Libras. Assim como suas possibilidades enquanto segunda língua, capaz de ampliar as oportunidades de comunicação entre os docentes e os alunos visuais e avançar no sentido de promover o ensino de conteúdos básicos de química por meio de Libras.

A análise das sequências didáticas digitais evidenciam alguns aspectos que poderiam ser adaptados ao ensino de química, visto que é possível desenvolver a aprendizagem de Libras e, ao mesmo tempo, explorar elementos presentes na área do ensino de Química. Aspectos esses podem e devem ser observados, pois ampliam as possibilidades de compreensão e a construção de novas práticas educativas que atendam as especificidades da Química e contribuam para a aprendizagem dos alunos visuais.

Os vídeos ilustrativos utilizados enquanto recursos complementares colaboraram para o aprimoramento de aspectos conceituais e linguísticos relacionados a Libras, do mesmo modo, a utilização desse recurso poderia explorar a nomenclatura de vidrarias e conceitos básicos explorados pela Química, utilizando a linguagem de Libras, algo pouco comum e escasso na literatura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões levantadas ao longo desse trabalho evidenciam que o ensino de Libras nesta Licenciatura é relevante, pois amplia as possibilidades de acesso e formação aos docentes, já que a grande maioria não teve instrução em Libras na primeira Licenciatura. Todavia as questões que envolvem o ensino de Libras aqui discutidas visam subsidiar os saberes docentes, possibilitando a construção de novas práticas educativas que contribuam para o ensino de Química aos alunos visuais.

Acreditamos que a experiência vivenciada pela disciplina de Libras possibilitou novas reflexões, as quais podem contribuir para a construção de uma práxis pedagógica capaz de ultrapassar os aspectos básicos explorados

pela disciplina de Libras e adentrar as especificidades do Ensino de Ciências, em especial o ensino de Química.

Nessa perspectiva, acreditamos que o material produzido por Benasse e Duarte (2016) traz contribuições importantes para o ensino de Libras nas Licenciaturas no que tange aos aspectos teóricos e práticos, os quais orientam a construção de Libras enquanto segunda língua. Contudo, ressaltamos a necessidade do desenvolvimento de um material versátil que possa atender tanto aos aspectos específicos do ensino de Libras, quanto aos do ensino de Química. Só assim avançaremos em questões que dizem respeito ao desenvolvimento da aprendizagem de Libras e do ensino de temas básicos voltados à aprendizagem de Química para atendimento dos alunos visuais.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.
2. _____. **Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília: Fernando Haddad, 2005.
3. SOUZA, S.; SILVEIRA, H. Terminologias Químicas em Libras. **Química Nova Escola.** v. 33. n. 1. Fevereiro, 2011.
4. SANTOS, Emmanuelle Felix dos. **O ensino de libras na formação do professor:** um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.
5. SKLIAR, Carlos. **A Surdez, um olhar sobre as diferenças.** 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.
6. TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012 [1991].
7. PIMENTA, Selma. Garrido (Org). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortes, 1999.